

Muitos adjetivos têm duas terminações para o singular, com seus plurais correspondentes: *bom/boa, folgazão/folgazona, cordobês/cordobesa, falador/faladora*. Ao modificar um substantivo, esses adjetivos adotam uma ou outra terminação, não aleatoriamente, mas de acordo o uso fixado pela língua. Fala-se *árvore corpulenta, leite frio, rua ampla, rio profundo, homem valoroso, mulher piedosa, cavalo baio, mula tordilha*. A essa condição geral dos substantivos, de requerer uma ou outra terminação dos adjetivos, se dá o nome de gênero e, segundo ela, todos os substantivos do idioma se dividem em dois grupos ou classes: os que exigem a primeira terminação dos adjetivos, como *leite, rio, homem, cavalo*, e os que exigem a segunda, como *árvore, rua, mulher e mula*.¹⁴

Os primeiros se chamam *masculinos* e os segundos *femininos*.

Em síntese, podemos dizer, ainda com ALONSO & UREÑA (id. ib.), que "o gênero é uma classificação puramente gramatical dos substantivos em dois grupos, masculinos e femininos, segundo a terminação do adjetivo acompanhante".

5. GRAU DO SUBSTANTIVO

5.1. Grau afetivo/sufixo afetivo

Segundo CEGALLA (1979:94), "grau dos substantivos é a propriedade que essas palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres".

Para a definição de *grau*, CEGALLA leva em conta um componente semântico que não é universal, ou seja, não é explicitado todas as vezes em que se faz uso desse mecanismo lingüístico tradicionalmente conhecido como grau. De fato, em

— "*Filhinho*, vai para a *caminha* tomar o seu *leitinho*! ou em — *Filhão*, você viu o *golaço* que o Bebeto fez?, observa-se que o sufixo é afetivo e não há qualquer referência ao aumento ou diminuição de tamanho.

A posição de CUNHA & CINTRA (1985:192) reflete com mais fidelidade a realidade dos fatos lingüísticos:

Um substantivo pode apresentar-se:

- a) com a sua significação normal: *chapéu*, *boca*;
- b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (grau aumentativo): *chapelão*, *bocarra*; *chapéu grande*, *boca enorme*;
- c) com a sua significação atenuada ou valorizada afetivamente (grau diminutivo): *chapeuzinho*, *boquinha*; *chapéu pequeno*, *boca minúscula*.

Como se observa, CUNHA & CINTRA dão muita importância a fatores emotivos, afetivos ou valorativos na caracterização do grau.

Vimos, no item 1.1.1.3. deste trabalho, citando uma passagem de ROSA (1982:20), que "o grau manifesto por um processo morfológico revela necessariamente emotividade". Por causa disso concluímos que "a afetividade está sempre presente na sufixação gradual, ao passo que a noção de aumento ou diminuição de tamanho pode estar presente ou não".

Não podemos deixar de transcrever esta passagem de ALONSO (1967:163), em que se constata o caráter eminentemente emotivo das formações diminutivas, em face da noção de diminuição de tamanho, que é relativamente rara:

Com relação ao sentido de "diminuição de tamanho", deve-se acrescentar que, apesar de se adotar a denominação de diminutivo, esta é, de longe, a sua função menos freqüente, tanto na língua escrita, como na oral; qualquer

inventário convencerá o leitor de que o uso mais abundante do diminutivo é o das funções emocional, representacional e ativa, de que logo falaremos. Quando o sentido central é realmente o de diminuição, costuma-se insistir na idéia de pequenez com outros recursos (*uma casinha pequena, uma coisinha de nada*, etc.). É raro, ainda que perfeitamente idiomático, atribuir exclusivamente ao diminutivo a idéia de tamanho reduzido.

Inspirados principalmente nas palavras de ROSA acima transcritas — "o grau manifesto por um processo morfológico revela necessariamente emotividade" — já concluímos em páginas anteriores que os chamados sufixos diminutivos e aumentativos são antes de tudo sufixos afetivos, e como tais devem ser denominados.

Os sufixos afetivos podem ser de tríplice natureza:

5.1.1. Sufixo subjetivo

Expressa a subjetividade do falante — carinho, amor, educação — e não, a afetividade relacionada com um referente específico:

- *Filhinho*, vai para a *caminha* tomar o seu *leitinho*!
- Alguém tem uma *canetinha* para me emprestar?
- Podem me dar uma *licencinha*?
- Dá um *adeusinho* para o seu pai!
- *Filhão*, dá um abraço no *paizão*!

5.1.2. Sufixo valorativo

O sufixo é anexado a uma base com a finalidade de se manifestar um julgamento de valor, que pode ser positivo ou negativo:

Positivo (sufixo melhorativo):

- No Cine Palladium está passando um *filmaço*!
- Este é o *timinho* do meu coração!
- Que *carrão* é o seu, hein!
- Ele comprou um *apartamentoço* no Bairro Mangabeiras.

Negativo (sufixo pejorativo):

- Aquela *fulaninha* não me engana!
- Ele fez um *papelão* naquela peça!
- Este *timinho* viajou de ônibus!

5.1.3. Sufixo aumentativo/diminutivo

Aumentativo:

- Você viu o *narigão* daquele homem?
- Aquele *homenzarrão* me meteu medo.

Diminutivo:

- Não adianta nada você fazer este *biquinho*!
- Ele mora naquela *casinha* da esquina.

Em resumo: toda formação gradual complexa expressa necessariamente afetividade e, em alguns casos, aumento ou diminuição de tamanho. Em vista disso, os chamados sufixos aumentativos e diminutivos são denominados neste trabalho de *sufixos afetivos*, ratificando o que foi dito anteriormente (item 1.1.1.3.).

5.2. Grau e flexão

Como vimos, a gradação analítica não tem nada a ver com a flexão dos vocábulos. Como afirma CÂMARA JR. (1964:146), flexão é o "processo de "flectir", isto é, fazer variar um vocábulo para nele expressar dadas categorias gramaticais". A flexão é, portanto, um mecanismo morfológico. Em *chapéu grande*, *chapéu*

enorme, casa pequena e casa minúscula, os substantivos não sofrem flexão. Nesse caso, a expressão do grau (segundo a gramática tradicional) se fez através de um expediente sintático, ou seja, através de um sintagma nominal formado por um substantivo e um adjetivo.

Por outro lado, sabemos que com os sufixos afetivos (aumentativos e diminutivos, segundo a gramática tradicional) estamos formando novas palavras. Trata-se, portanto, de um mecanismo de derivação e não, de flexão. É preciso esclarecer, complementarmente, que o grau do substantivo é uma questão mal resolvida em português.

Em primeiro lugar, porque a gradação sintética, que, como vimos, se realiza através de sufixos afetivos, se insere sem maiores dificuldades no estudo da derivação sufixal. Assim como há sufixos nominalizadores (-ção, -mento, -agem, -ada, -ância, etc.), sufixos substantivais deadjetivais (-eza, -ura, -idade, -ice, -itude, etc.), e sufixos que dão a idéia de reunião, coleção (-ada, -agem, -ama, -aria, -al, etc.), também há sufixos que indicam afetividade (-inho, -ucho, -aço, -orra, -ote, -eco, -ão, -ito, etc.).

Em segundo lugar, a questão que se coloca é a seguinte: na chamada gradação analítica, que tipo de relação se estabelece entre a forma considerada normal (*chapéu, casa*) e a forma gradual aumentativa ou diminutiva (*chapéu grande, casa pequena*)? Segundo ROSA (1982:14),

...grau será entendido como uma categoria que expressa a relação existente entre um significado considerado normal e outro(s) considerado(s) acima, abaixo ou no mesmo nível numa escala de intensidade (muito...pouco) ou de dimensão (pequeno...grande), incluídos os valores pejorativos e afetivos.

Para ROSA, no caso dos substantivos, a relação que se estabelece é a de *dimensão* (incluídos os valores pejorativos e afetivos).

Por que, na caracterização do grau analítico só se leva em consideração a noção de dimensão, sendo que outros valores são perfeitamente possíveis? Poder-se-ia alegar que as relações que se levam em consideração na gradação analítica são as mesmas da gradação sintética. Vê-se, porém, que isso não é verdade, como se comprova pelos paralelismos abaixo:

Você viu o *golaço* que o Bebeto fez na Seleção?
 Você viu o *gol maravilhoso* que o Bebeto fez na Seleção?

No Cine Palladium está passando um *filmaço*.
 No Cine Palladium está passando um *ótimo filme*.

Filhinho, não deixe sua mãe preocupada.
Filho querido, não deixe sua mãe preocupada.

Você viu? O Cruzeiro mostrou que é mesmo um *timinho*!
 Você viu? O Cruzeiro mostrou que é mesmo um *time ruim*!

Filhão! Você vem comigo ao shopping?
Filho querido! Você vem comigo ao shopping?

Você conseguiu ler aquele *livreco*?
 Você conseguiu ler aquele *livro ruim*?

Voltando à indagação feita há pouco, por que só se leva em consideração a *dimensão*, quando outros valores podem estar presentes, como a *afetividade*, a *beleza*, a *qualidade*, etc.?

Um *menino* pode ser *grande* ou *pequeno*, *feio* ou *bonito*, *bom* ou *mau*, *querido* ou *desprezado*, etc. Por que apenas a primeira alternativa é considerada grau? Do mesmo modo, uma janela pode ser *grande* ou *pequena*, *feia* ou *bonita*, *larga* ou *estreita*, *alta* ou *baixa*, etc.

A língua apresenta também outros exemplos de gradação que não são considerados pelos gramáticos. Observe-se a seguinte relação:

feio	- horrível	lindo	- maravilhoso
rico	- milionário	grande	- enorme
pobre	- miserável	pequeno	- minúsculo

Embora esses exemplos sejam de adjetivos, o que se quer demonstrar é que, apesar de haver uma relação de intensidade entre esses vocábulos, a gramática não considera essa relação como gradação, o que vem comprovar o nosso ponto de vista de que esse fenômeno é mal caracterizado em português.

Ora, se a gradação sintética pode e deve ser inserida no estudo da derivação sufixal e se a a gradação analítica não é caracterizada em português, não vemos motivo para as nossas gramáticas continuarem insistindo no estudo em separado do grau do substantivo.¹⁵

Em resumo, podemos dizer com relação ao substantivo: o *número* é a única flexão que essa classe lexical admite. O *gênero* é um fenômeno essencialmente sintático. O *grau sintético* deve ser inserido no estudo da derivação sufixal. O *grau analítico* não é um fenômeno lingüístico relevante, com características próprias, exclusivo. Não é uma categoria gramatical do português. Não precisa, portanto, ser descrito na gramática.

6. FLEXÃO DE ASPECTO

Ao finalizar este capítulo, não podemos deixar de fazer referência, ainda que de maneira sucinta, ao problema do aspecto¹⁷ em português. Este trabalho não pretende, portanto, apresentar um quadro cabal do aspecto, mas tão somente defender o ponto de vista de que ele deve ser considerado como flexão verbal.¹⁸